



A nova edição da *Revista Plural* vem com a mesma força da lente do fotógrafo espanhol Julio Aracil, nosso artista de capa, com a imagem “Sem título, 2008”. Sua obra, que oscila entre a arte e o fotojornalismo, remete nosso olhar àquilo que sempre buscamos a cada nova edição: um espaço capaz de proporcionar ao leitor a possibilidade de se defrontar com a diversidade de conteúdo e a pluralidade de perspectivas trazidas pelas diversas áreas das Ciências Sociais.

É nessa perspectiva que abrimos a edição 19.1, com seis artigos inéditos de jovens pesquisadores, pós-graduandos e docentes de regiões distintas do país, como São Paulo, Londrina e Manaus, além de uma entrevista com o sociólogo britânico Michael Burawoy, presidente da International Sociological Association e professor da Universidade da Califórnia, Berkeley.

Além dessas novidades, oferecemos ao leitor a tradução do texto “Mudança cultural entre imigrantes japoneses no Brasil”, de 1942, do etnógrafo Herbert Baldus e do sociólogo Emilio Willems, e a resenha da obra “Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos”, escrita em 1963 pelo cientista social canadense Erving Goffman.

O primeiro artigo, “Prolegômenos de Florestan Fernandes como teórico crítico da sociedade brasileira”, de Ricardo Ramos Shiota, busca analisar a obra de Florestan Fernandes, das décadas de 1940 e 1950, à luz da teoria crítica, partindo da ideia de que, durante tal período, seus escritos questionavam o ideal de cientificidade e traduziam uma orientação intelectual preocupada com a realização democrática nos marcos da emancipação política.

A Ciência Social paulistana é também o tema do artigo “Um palpite sobre a imigração nas Ciências Sociais de São Paulo: três décadas, duas perspectivas e uma cisão”, em que Douglas de Toledo Piza mostra como os estudos de imigração apresentam dois modelos distintos e que são, simultaneamente, permeados por continuidades e rupturas. Até os anos 1970, predominava nessa área a interpretação de Emilio Willems, com base na teoria da aculturação, que lidava com os conceitos de assimilação e integração. A partir de então, Eunice Durham traz uma visão alternativa e crítica, seguida por Ruth Cardoso, que, sem descartar totalmente a

perspectiva da aculturação, coloca a questão da imigração como um problema de mobilidade social, em uma sociedade capitalista cada vez mais complexa.

Em seguida, Ricardo de Macedo Menna Barreto tenta desenvolver, no artigo “Da personalidade à pessoa: uma observação da sociedade e do direito a partir das teorias sistêmicas de Talcott Parsons e Niklas Luhmann”, os conceitos de “personalidade” e “pessoa” dos teóricos Talcott Parsons e Niklas Luhmann, respectivamente, de modo a articulá-los com a teoria do direito. É com isso que passamos da teoria contemporânea à clássica com o oportuno artigo “Teoria e crise”, de Marcelo Vasques Vedroni, que retoma a análise sobre as crises capitalistas empreendidas por Karl Marx, no intento de percorrer seus intrincados caminhos teóricos.

O atual estágio do desenvolvimento capitalista é também tema do artigo de Cesar Augustus Labre Lemos de Freitas e João Claudino Tavares, “Emancipação humana e controle social da promoção: os dilemas das classes trabalhadoras na perspectiva de superação do capitalismo”. Os autores, a partir das teorias marxistas, relembram que, para a efetiva superação da sociedade burguesa, em um cenário onde a revolução é uma perspectiva cada vez menos concreta, é essencial a construção de uma identidade de classe.

O marco teórico desenvolvido por Marx sobre a superpopulação relativa e as classes trabalhadoras é o centro do artigo “Sindicalismo, superpopulação relativa e formas de luta no Brasil e na Argentina”, de Davisson C. C. de Souza. A análise comparativa entre o movimento sindical e dos desempregados no Brasil e na Argentina, durante o período de 1990 a 2002, permite a reflexão sobre os vínculos entre o sindicalismo e os trabalhadores sem emprego, lançando um olhar mais preciso sobre a articulação entre as noções de exército de operários ativo e exército de operários de reserva.

Além dos artigos, trazemos também a entrevista com Michael Burawoy, sociólogo marxista britânico e professor na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Começamos nossa conversa com uma questão sobre sua metodologia de pesquisa, desvendando o que é para ele recomendar uma teoria e revirá-la do avesso, partindo de um método de reconstrução teórica com base na observação do chamado “Método de Caso Estendido”.

Outro tema abordado em nossa entrevista é a Sociologia Pública, que, em sua perspectiva, é uma necessidade intrínseca à Sociologia excessivamente profissionalizante dos Estados Unidos, mas que, ao mesmo tempo, parece emergir espontaneamente no Brasil, sobretudo em trabalhos como os que são realizados na Universidade Federal da Bahia e divulgados no Caderno CRH.

Discutimos também como a *newsletter* “Diálogo Global”, criada por Burawoy quando se tornou presidente da International Sociological Association (ISA),

insere-se nessa sua concepção de Sociologia. Esse tema nos levou a tratar do debate sobre as mídias sociais e seu impacto sobre os movimentos sociais nacionais e transnacionais, desvelando sua perspectiva sobre o movimento Occupy Wall Street e as manifestações em Madrid e na praça Tahir. Para ele, estamos diante tanto de um movimento capaz de fazer ressurgirem as práticas comunistas quanto de uma luta empreendida pela população excluída que teme a precarização em um contexto em que o capital financeiro se tornou mais significativo que o capital industrial.

Por último, não poderíamos deixar de perguntar sobre sua visão da Sociologia brasileira. Burawoy, ao mesmo tempo em que reconhece a especificidade da Sociologia latino-americana, não deixa, obviamente, de se espantar com a grande influência dos franceses sobre a Sociologia dos trópicos.

Para manter o caráter plural de nossa *Revista*, a resenha que compõe esta edição, feita por Rafael Mantovani, é sobre o livro *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*, de Erving Goffman, publicado em 1963 e apenas traduzido no Brasil em 2010, pela editora Vozes. Com isso, procuramos não apenas disseminar uma obra fundamental para entender a perspectiva da Sociologia Situacional, que tem como objeto comportamentos muitas vezes ignorados pelas Ciências Sociais, mas também estimular o debate sobre a luta antimanicomial.

Para finalizar, a tradução é a novidade da vez. Com ela, damos início a outra etapa da *Revista Plural*, que pretende focar textos clássicos e relevantes na área de Ciências Sociais, de difícil acesso e inéditos em língua portuguesa. O etnógrafo Herbert Baldus e o sociólogo Emilio Willems, ambos imigrantes de origem alemã que se estabeleceram no Brasil na primeira metade do século XX, foram os autores escolhidos. Diretor do Museu Paulista entre os anos 1950 e 1960, desde o início de sua obra, Baldus se mostrou preocupado com as situações de contato com os grupos indígenas, pelo quê insistiu no estudo das temáticas da mudança cultural e da política indigenista, vendo com reservas os processos de aculturação. Willems, no mesmo sentido, desenvolveu sua obra centrada no tema da assimilação dos imigrantes à sociedade brasileira. No artigo traduzido “Mudança cultural entre imigrantes japoneses no Brasil, no Vale do Ribeira de São Paulo”, de 1942, os autores expressam suas principais preocupações, elaborando uma minuciosa etnografia do grupo social estudado e uma indicação do significado das mudanças constatadas como parte do processo de adaptação a uma nova sociedade.